



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O CABELEIRA: UM RETRATO SOBRE A ÓTICA DOS PERSONAGENS

Eianny Cecília de Abrantes Pontes

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: proenempombal@gmail

Resumo: O presente artigo resultou de uma pesquisa bibliográfica sobre o romance *O Cabeleira* do escritor cearense Franklin Távora. Priorizamos no estudo, a relação dialética entre literatura e sociedade analisando os elementos externos que tornam-se internos dentro da obra e indispensáveis para a composição do texto em estudo, pois eles estabelecem um espaço funcional para o desenvolvimento do romance. Abordamos a visão dos personagens acerca do protagonista e como o narrador internaliza um discurso historiográfico tentando passar veracidade nos fatos apresentados. O trabalho teve como embasamento teórico os escritores Candido(2000) e Backtin (2000) pois eles trabalham com a transposição real-ficcional em diferentes aspectos, enfatizamos a importância de analisarmos criticamente os dados externos para a compreensão da obra estudada. Com o nosso estudo, pretendemos contribuir com as reflexões no âmbito da literatura e contribuir de modo significativo com a literatura regional.

Palavras-chave: O cabeleira, Literatura, Sociedade.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a pretensão de mostrar as várias visões existentes sobre a personalidade do protagonista do romance *O cabeleira*. Observando o discurso do narrador, dos outros personagens e do próprio protagonista. A partir da perspectiva de Antonio Candido e Mickael Backtin, pois ambos trabalham com a transfiguração do real para o ficcional, observando a configuração do dado externo dentro da obra.

Um dado que merece destaque na pesquisa é a forma como o narrador se posiciona diante da transposição real-ficcional. Ele internaliza um discurso historiográfico tentando passar veracidade nos fatos apresentados. Diante do exposto observaremos a correlação entre literatura e sociedade não de forma superficial, mas analisando a função do social na construção da obra de arte, como o dado externo torna-se interno e indispensável a compreensão da obra.

Nossa pesquisa tem caráter bibliográfico e tem a intenção de analisar uma obra regionalista contribuindo com estudos na área trazendo um estudo crítico sobre a obra *O cabeleira* do escritor Franklin Távora.

METODOLOGIA

Após definirmos os objetivos da pesquisa fizemos um estudo de cunho bibliográfico com a obra *O Cabeleira* do escritor cearense Franklin Távora analisando-a a luz da teoria Candido (2000) e Backtin (2000) autores que trouxeram grandes contribuições no campo da linguagem. Para a realização do trabalho, passamos por um processo de leitura e reflexão dos textos até a elaboração de fichas de leitura com o intuito de analisarmos criticamente a obra e apresentarmos um estudo que contribua de modo significativo com a crítica literária.

1 Contextualizando o Cabeleira e mostrando pontos relevantes sobre o que afirma Antonio Candido

O Cabeleira romance publicado em 1876, pertence ao escritor cearense Franklin Távora. É uma obra de caráter regionalista que retrata a cultura, a sociedade e a história do povo sertanejo na Literatura Brasileira do séc. XIX.

O romance apresentado conta a história de José Gomes, conhecido como Cabeleira, passa-se em Pernambuco no séc. XVIII e mostra a saga



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de um valente e destemido cangaceiro, “que se celebrou na carreira do crime não por maldade natural”, mas por influência do seu pai Joaquim Gomes. O protagonista trouxe do seio materno um coração brando, porém, o temor, o exemplo e os conselhos do seu pai o transformaram no assassino mais conhecido do sertão nordestino. Depois de muitas atrocidades cometidas, roubando ricos e pobres, matando sem a menor compaixão, inocentes, crianças e mulheres, o terrível cangaceiro reencontra Luisinha, o grande amor de sua infância, que desperta no protagonista um sentimento de bondade que há muito tempo não sentia. Luisinha converte-o para o caminho do bem e, desde então, o Cabeleira não comete mais crimes. Mais adiante, Luisinha morre e José Gomes perseguido por tropas militares, é capturado e condenado juntamente com seus companheiros à pena de morte.

O autor Franklin Távora recebe várias críticas em relação a estética do seu romance, pois ao tentar passar veracidade nos fatos apresentados, ele torna algumas passagens verdadeiros relatos históricos, envolvendo tempo e circunstâncias, como se o valor da obra estivesse vinculado na íntegra representação da realidade social. A crítica literária aborda justamente este ponto no romance “O Cabeleira”, mas é importante lembrarmos que existe a relação dialética entre o fazer artístico e a realidade, pois o artístico trabalha através da linguagem a compreensão do mundo real, atribuindo-lhe valores que só são possíveis na literatura. Como afirma Antonio Candido “a mimese é sempre uma forma de poiese”.

Baseados nos estudos e nas reflexões feitas afirmamos que a personagem José Gomes é o ser mais atuante do enredo, porém, o seu valor está vinculado ao contexto, está intimamente ligado a estrutura do romance. Então, podemos dizer que Franklin Távora criou sim, uma grande personagem, contudo não soube unir sua personagem com a construção estrutural, pecando assim diante da crítica literária.

No romance, existem méritos a serem exaltados, entre eles, a questão da verossimilhança, como afirma Antonio Candido:

[...] possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que sendo uma criação da fantasia comunica a impressão da mais lídima verdade. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO ,1981, p. 55)



Diante do exposto vemos que o protagonista passa “o sentimento de verdade, que é a verossimilhança”, faz com isso, que o leitor acredite nas aventuras vividas pela personagem e fazendo uma correlação com o mundo real.

O autor traz o romance a público, como fato verídico afirmando: “O Cabeleira não é uma ficção, não é um sonho, existiu e acabou como aqui se diz”.

Seria um engano concordar com tal afirmação do escritor cearense, pois é impossível transcrever o modo de um ser humano, é impossível transformá-lo integralmente em um ser fictício, o autor pode sim, ter se baseado em um fato verídico, porém:

“o homo fictus é e não é equivalente ao homo sapiens, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade...; mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas”
(CANDIDO, 1981, p. 55)

Percebemos ao longo da narrativa certas relações humanas, como exemplo citamos o amor de José Gomes e Luisinha, vivido de maneira tão intensa que só atribuímos valor, por estar dentro da arte literária.

2 Visão do narrador

É notório ao longo da narrativa o apreço do narrador pelo protagonista, ele relata os fatos como se houvesse feito um estudo histórico sobre a vida de José Gomes e os acontecimentos da época, induzindo de certa forma o leitor, a acreditar nos fatos apresentados e seguir a sua linha de pensamento.

Convém destacar, que logo no início do romance o narrador nos mostra traços marcantes e fundamentais, para entendermos sua visão acerca do protagonista, visão esta que permanece quase linear durante a narração.

A esse respeito, Cândido(1981, p.59) toma a seguinte posição:” No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser”.

É justamente isso que o narrador apresenta na primeira página do romance, nos direciona em sua linha de raciocínio, mostrando desde cedo sua posição em relação ao protagonista. Vejamos a citação:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Merecem-nos particular meditação, ao lado dos que aí se mostram dignos da gratidão, da pátria pelos nobres feitos com que a magnificaram, alguns vultos infelizes, em quem hoje veneraríamos talvez modelos de altas e varonis virtudes, se certas circunstâncias de tempo e lugar, que decidem dos destinos das nações e até da humanidade, não pudessem desnaturar os homens, tornando-os açoites das gerações coevas e algozes de si mesmos. Entra neste número o protagonista da presente narrativa, o qual se celebrizou na carreira do crime, menos por maldade natural, do que pela crassa ignorância que em seu tempo agrilhoava os bons instintos e deixava soltas as paixões canibais. (TÁVORA, 2004, p. 17)

Percebemos com esta passagem a tentativa por parte do narrador, em justificar as ações do protagonista mesmo antes de relatar os fatos, ele já afirma que o personagem principal poderia ter sido considerado um “herói legendário”, se ele não estivesse inserido em uma sociedade que determina o destino do homem, deixando-o sem escolha, sendo influenciado desta forma pelo meio e agindo de acordo com as circunstâncias oferecidas.

Na descrição física feita pelo narrador, observamos também traços da sua linha de pensamentos:

Cabeleira podia ter vinte e dois anos. A natureza a havia dotado com vigorosas formas. Sua fronte era estreita, os olhos pretos e lânguidos, o nariz pouco desenvolvido, os lábios delgados como os de um menino. É de notar que a fisionomia deste mancebo velho na prática do crime, tinha uma expressão de insinuante e jovial candidez. (TÁVORA, 2004, p.18)

O narrador faz uma simples descrição física, mostrando características para imaginarmos a personagem, mas ao trazer a palavra “menino” e “candidez”, ele intencionalmente quer transmitir ao leitor, em aspecto de inocência, brandura em um indivíduo que como ele afirma é velho na prática de crimes. Esta descrição não é suficiente para formarmos “expressão de candidez”, porém aos olhos do narrador o protagonista é visto desta maneira.

Contudo, o narrador não omite as atrocidades cometidas pelo protagonista e, em certas passagens, mostra revolta e indignação, acusando a sociedade por ser conivente com tais atos e por não colocar em prática o poder da justiça. Questiona-se parecendo não acreditar que o Cabeleira tendo nascido de boa índole, tenha transformando-se em uma verdadeira máquina de matar, mostra-se inconformado com o destino de uma criança que poderia ter seguido o caminho do bem.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Como é possível, porém, que se houvesse abastardo por tal forma a obra que saiu sem defeito das mãos da natureza? Como se compreende que uma organização sã se tivesse corrompido ao ponto de exceder, no desprezo da espécie humana, a fera cerval que se alimenta de sangue e carnes fumegantes, não por uma aberração, mas por uma lei da sua mesma animalidade? (TÁVORA, 2004, p. 38)

O narrador, portanto, assume praticamente uma só dimensão sobre a visão do protagonista. O seu olhar está vinculado ao fato da forte influência do poder paterno na vida do Cabeleira, causa do protagonista ter seguido tal caminho. Mostra, em certos momentos, sentimentos contraditórios, com a visão que ele estabelece como predominante no seu discurso, porém, visa sempre a tentativa de esquivar a culpa do protagonista, tentando inocentá-lo, ou melhor, justificar os seus atos.

Ele vê José Gomes, um bandido forte e decidido, “franco até nas estratégias e emboscadas”, audacioso, valente e destemido, mas, acima de tudo, “vítima” da situação, marcado por circunstâncias de tempo e lugar, sendo o maior refém de um destino trágico.

Outro ponto interessante no discurso do narrador é a quantidade de denominações dadas ao Cabeleira, durante o romance. Ele escolhe e enfatiza nomes que causam impactos e despertam a expectativa do leitor, entre eles podemos citar: fantasma sanguinário, onça, perturbador da ordem, assassino, máquina de cometer crimes, delinquente, bandido, entre outros. O fato marcante aqui é que mesmo no momento que o protagonista passa para o caminho das práticas do bem, o narrador continua usando essas denominações, como se fosse uma marca registrada do protagonista.

No fim do romance, o narrador apresenta a mesma idéia que foi fixada no início da narrativa, afirmando:

A justiça executou o Cabeleira por crimes que tiveram sua principal origem na ignorância e na pobreza. Mas o responsável de males semelhantes não será primeiro que todos a sociedade que não cumpre o dever de difundir a instrução, fonte da moral, e de organizar o trabalho, fonte de riqueza?(TÁVORA, 2004, p. 134)

3 Visão de Luisinha sobre José Gomes



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

À Luisinha é dado o mérito da conversão do Cabeleira, ela é a principal responsável pela metamorfose no protagonista, pois é pela força que Luisa exerce sobre ele, que ele renuncia a vida do crime e converte-se para o bem. E é nesta conversão que encontramos o ponto mais alto e mais forte da escola romântica no livro.

“Luisinha era uma menina branca, órfã, de índole benigna e de muitos bonitos modos”. Foi criada por uma viúva e era querida por todos da redondeza. Desde a infância estabeleceu laços de amor com o menino José Gomes, com promessas e juras eternas.

Eis aqui o primeiro diálogo do romance de Luisa e José:

- Olhe Luisinha: se eu algum dia voltar você me quer para seu marido?
- Eu lhe quero muito bem, José. Mas não gosto quando você judia dos passarinhos e dá pancadas nos meninos.” (Idem,2004, p. 46) “A menina acompanhou com os olhos inundados de lágrimas as fases sucessivas que atravessou esse nome destinado a ter uma página enlutada na história da pátria. E que bem dentro do seu coração estava a imagem do companheiro de infância a quem ela nunca pôde esquecer, ainda quando esta imagem lhe aparecia, como tantas vezes aconteceu, envolta em uma nuvem de sangue, e acompanhada de uníssonas maldições. (TÁVORA,2004, p. 49).

Ela rezava e fazia suas preces para mudar a natureza do Cabeleira e para que este fosse digno do perdão da sociedade, pois ainda mantinha por ele o mesmo amor de infância.

Após muito tempo, eles reencontraram-se, numa situação de confronto, em que O Cabeleira havia agredido a mãe de Luisa, e essa é uma das poucas passagens do livro, onde Luisa demonstra raiva do protagonista.

- Agora te conheço, José malvado – disse a moça. Mata-me também, já que mataste minha mãe que nunca te ofendeu.
- Ah, conheceste afinal o Cabeleira?
- Tanto me conheceste tu, desgraçado!
- Que queres dizer com estas palavras? Perguntou o bandido.
- Olha-me bem. Até de Luisa te esqueceste! Assassino, eu te perdôo a morte: mata-me. (TÁVORA, 2004,p.53)

Mesmo com todo desprezo que Luisa sentia naquele momento, seu coração dotado de bondade, ainda foi capaz de pronunciar a palavra “perdão”, somente pelo fato de estar diante de José Gomes, o menino e agora o homem por quem Luisa não conseguia vê com outros olhos, a não ser o de misericórdia e amor.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Luisa é posta na obra com a missão, de salvar, converter, algo que parece estar perdido. Ela se mostra uma mulher forte, determinada e acima de tudo corajosa em viver com O Cabeleira. Ele jura mudar de vida, mas a todo tempo cai em contradição, matando aos poucos Luisinha.

Em uma de suas recaídas, Luisinha afirma:

- Quero-lhe muito bem, meu amor, acrescentou a moça com profunda ternura que, quando verdadeiramente quer e sente o que quer, a mulher sabe ter no olhar, no gesto, na voz. Mas quando vejo como agora de arma em punho, ameaçando com certos golpes, quais são seus, a vida de alguém, sinto tão grande dor, que você não pode compreender o meu padecimento (TÁVORA,2004, p. 101)

A doce menina salvará a vida de muitos inocentes, e sempre se apegava com Deus, nas horas de desespero. Quando sentia que em breve morreria, falou ao Cabeleira:

(...) Dentro em pouco eu o deixarei, mas enquanto não nos separarmos, poupe-me estas cenas que me transpassam o coração. Quando eu desaparecer de seus olhos, não se considere só no mundo. No lugar que meu corpo deixar vazio ao pé de si, há de ver sempre a alma benévola da pobre Luisa; ela o acompanhará por toda parte para inspirar-lhe os bons pensamentos, e aconselhar-lhe a prática das boas ações. (TÁVORA, 2004, p. 103)

As passagens mostradas são referências dá forte esperança que Luisa, guardava no seu coração, porque com todas as dificuldades, ela não desistiu do seu objetivo e sempre manterá o mesmo olhar acerca do protagonista. Desde a infância, condenava as atitudes perversas de José Gomes, mas em nenhum momento deixou de amá-lo.

Talvez ela acreditasse assim como o narrador que José, possuía um bom coração e fora vítima da situação, talvez esse fato explique tamanha persistência.

4 Visão do Cabeleira acerca de si mesmo

A vida do protagonista é contada em flash backs, começando a relatar os acontecimentos presentes e logo em seguida interrompendo a seqüência relatando fatos anteriores.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O Cabeleira inicia a história com vinte e dois anos, em um ataque a vila do Recife. Quando a população da vila observa a presença do cangaceiro o tumulto é geral todos correm na esperança de salvar suas vidas. Nesta ocasião há um diálogo do pai com o filho:

José Gomes, por irresistível força do instinto que muitas vezes o traiu aos olhos do carniceiro pai, voltou-se de chofre e lhe disse:

- Para que matar se eles fogem de nós?
- Matar sempre Zé Gomes [...] (TÁVORA, 2004, p. 22)

É notório nesta passagem que, pela vontade do Cabeleira, não teria acontecido tamanha tragédia, mas o poder que o pai exerce sobre ele é de força incalculável, então ele obedece e segue as instruções do pai. Em certos momentos o Cabeleira se mostra submisso a Joaquim Gomes, já em outros ele comanda os ataques e dá as ordens a seus comparsas, mostrando dessa forma duas faces.

Quando criança o menino José Gomes ficava dividido entre o amor da sua mãe, a doce Joana, e o temor de seu pai. A mãe sempre tentava desviar os filhos dos ensinamentos do pai, em uma das vezes que Zé Gomes estava pronto para matar um animal, sua mãe intercedeu dizendo:

- Olha, meu filho, olha bem para ele. Não achas vivos e bonitos os olhos do preazinho? (...)
- É, mamãe. Acho tudo bonitinho.
- E se o achas bonitinho, para que o queres matar, meu filho?
- Para aprender a matar gente quando eu for grande.
- Matar gente! José, José! Quem te ensinou esta barbaridade? Virgem da Conceição!
- Foi papai, mamãe. (TÁVORA, 2004, p. 40-41)

Assim cresceu o protagonista da história, logo cedo tirado das mãos da mãe foi criado pelo pai e educado para ser o assassino do sertão nordestino.

Cabeleira se via forte, valente, corajoso, nada o intimidava, era considerado uma “onça”, habilidoso, esperto e capaz de escapar com facilidade do poder da justiça. Tudo começa a mudar quando ele reencontra Luisa, seu discurso já não segue a mesma linha de pensamento, “seu coração, que se havia convertido em foco de paixões sanguinárias, era agora ninho de doce e indefinível sentimento”. Observamos um marco na metamorfose com o aparecimento de Luisa, pois o destino do protagonista toma outras proporções, ele se vê de outra maneira e age de forma diferente desde então, ainda mostra revolta contra o seu maior companheiro, seu pai, acusando o mesmo por ter se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tornado “O Cabeleira”, proferindo contra ele as seguintes palavras: “- Não tenho pai; só tenho mãe que me ensinou o caminho do bem; pai, nunca tive nem tenho. Não é meu pai aquele que só me ensinou a roubar e a matar.” (TÁVORA, p. 77)

Cabeleira mostra profundo arrependimento por tudo que fizera, afirmando querer mudar de vida, relatando sentimentos que nunca sentira. Tudo isso ocorre na vida do protagonista em função do aparecimento de Luisa, muitas vezes ele quis entrar em contradição, porém nessas horas a luz que reflete o nome de Luisa aparecia impedindo-o de voltar ao crime. São inúmeras passagens da narração que mostra a conversão e as declarações de amor que José faz para Luisa, entre elas: “- Não te amofines assim. O Cabeleira não é mais o assassino, Luisinha. O ladrão, o matador já não está aqui ao pé de ti. Quem aqui está é um homem que quer ser um homem de bem.” (TÁVORA, 2004, p. 105)

Após a morte de Luisa, é comprovada realmente a mudança na vida do protagonista, pois ele permanece na sua conversão e cumpre todas as promessas feitas ao seu amor.

O Cabeleira termina o romance com outra personalidade, que talvez tenha sido deturpada por seu pai. Assim mesmo, segundo Franklin Távora afirma o herói legendário: “- Morro arrependido dos meus erros. Quando caí no poder da justiça, meu braço era incapaz de matar, porque eu já tinha entrado no caminho do bem [...]” (TÁVORA, 2004, p. 136)

Assim, o protagonista do romance conclui a sua trajetória eximindo-se dos atos de crueldade cometidos por ele, justificando que ele é um ‘produto’ do meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, verificou-se que tanto o narrador como o próprio autor tenta, através do discurso histórico, passar verossimilhança ao leitor e nesta tentativa acaba pecando diante de alguns elementos estilísticos, pois ele tenta fazer um estudo histórico e não literário.

Percebeu - se, também, que visão do narrador, de Luisinha, dos outros personagens e até do próprio protagonista é unívoca. Todos direcionam o discurso da mesma maneira, afirmando que José Gomes nascera de boa índole e foi vítima da criação paterna e do meio que estava inserido. Coincidindo dessa forma as visões acerca do protagonista.

É importante ressaltar que a escolha do tema contribui para a crítica literária, por tratar de uma obra pouco estudada nos centros acadêmicos. O estudo valoriza ainda as obras de caráter regionalista que resgata a origem do povo nordestino.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 4.ed. São Paulo: Unesp, 2000.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

TÁVORA, Franklin. O cabeleira. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.